

# RELATÓRIO DO DIREITO HUMANO À SAUDE NO BRASIL 2022



Centro de Educação e  
Assessoramento Popular



Centro de Educação e Assessoramento Popular (CEAP)

# **Relatório do direito humano à saúde no Brasil 2022**

*Série Relatório do Direito Humano à Saúde no Brasil*

Volume 5

Passo Fundo

EAB Editora

2023

© 2023 Centro de Educação e Assessoramento Popular (CEAP)  
Série: Relatório do Direito Humano à Saúde no Brasil  
Volume: 5

Capa: Diego Ecker  
Projeto Gráfico: Diego Ecker  
Diagramação: Rodrigo Oscar Roman  
Revisão: Araceli Pimentel Godinho

Organizadores: Nara Aparecida Peruzzo e Valdevir Both  
Texto: Eldon Henrique Mühl

### **Centro de Educação e Assessoramento Popular (CEAP)**

Rua Anibal Bilhar, 865, Vila Lucas Araújo  
CEP: 99074-470 – Passo Fundo – RS  
E-mail: [ceap@ceap-rs.org.br](mailto:ceap@ceap-rs.org.br)  
Site: [www.ceap-rs.org.br](http://www.ceap-rs.org.br)

#### Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

C397r Centro de Educação e Assessoramento Popular (CEAP)  
Relatório do direito humano à saúde no Brasil : 2022 /  
Centro de Educação e Assessoramento Popular. – Passo  
Fundo: EAB Editora, 2023. – (Série Relatório do Direito  
Humano à Saúde no Brasil, ISBN 978-65-88324-01-1 ; v. 5).  
30 p. ; PDF.

ISBN: 978-65-88324-09-7.  
DOI: 10.61085/9786588324097.

1. Cultura do ódio. 2. Discurso de ódio.  
3. Lutas populares. I. Título. II. Série.

CDD: 614.07  
CDU: 614:37(81)

Catalogação: Marina Miranda Fagundes - CRB 14/1707

2023

Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução parcial ou total  
desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda  
ou qualquer fim comercial.

Realização:



Apoio:



## **Apresentação da Série *Relatório do Direito Humano à Saúde no Brasil***

Para o CEAP, a luta em defesa do SUS e da saúde como direito humano, exige uma permanente sistematização de informações e uma constante produção de conhecimento que contribua na sua ação e dos parceiros.

Essa intencionalidade político-pedagógica se traduziu na elaboração, desde 2018, do Relatório Anual de Direito Humano à Saúde no Brasil. Construído com o Fórum Nacional de Defesa do Direito Humano à Saúde, tem o objetivo de dar visibilidade às violações do direito humano à saúde e às iniciativas de ação e luta em prol da sua defesa e promoção. Portanto, ao mesmo tempo que denuncia, anuncia a importância da democracia, do controle social, da organização social popular e da luta pelo direito à saúde.

### **Sobre o CEAP**

O Centro de Educação e Assessoramento Popular (CEAP) é uma organização da sociedade civil, não governamental, sem fins lucrativos, autônoma, comprometida com a construção de um projeto de sociedade democrático e popular para o Brasil, tendo a educação popular como elemento central da sua atuação. Fundado em 1987 e sediado em Passo Fundo/RS tem como missão “Defesa e promoção da democracia e dos direitos humanos, fortalecendo os sujeitos sociais populares e seus processos a partir da Educação Popular”.

# Sumário

Apresentação .....	6
Introdução.....	8
A cultura do ódio e o ódio à racionalidade: os desafios das lutas populares no Brasil.....	10
<i>Eldon Henrique Mühl</i>	
Às e aos que não desistem! .....	29
<i>Poesia de Jussara Cony</i>	

# Apresentação

Paulo Freire, educador brasileiro conhecido mundialmente, alertava para a necessidade de superação de duas práticas muito comuns entre os que se propõem a lutar pela “transformação do mundo”. A primeira, o verbalismo, se caracteriza pela produção de saberes e discursos descompromissados com a ação transformadora e desenraizada dos sujeitos coletivos em luta; tende, fortemente, a se transformar num blá-blá-blá ou em intelectualismo alienante, que não passa de uma falsa consciência do mundo. A segunda, o oposto da primeira, mas igualmente perigosa e limitada, é a prática do ativismo: esta, segundo Freire, renuncia à reflexão e é uma simples “ação pela ação”. Envoltos nela, processos formativos e de análise da realidade são deixados de lado, importando apenas o “fazer”, o máximo possível de coisas. Posta à margem a vigilância reflexiva, seu lugar é tomado pela “sloganização”, ainda mais intensa em tempos de ciberativismo.

Num esforço de superar tanto o verbalismo quanto o ativismo, o CEAP e o Fórum Nacional de Defesa do Direito Humano à Saúde desafiaram-se a construir anualmente o Relatório do Direito Humano à Saúde no Brasil. O seu principal objetivo é subsidiar a luta pelo direito humano à saúde no País. Em vista desse propósito, a sua construção implica um caminho metodológico participativo, num processo em que temas, dados e experiências são sugeridos e vocalizados pelos próprios sujeitos, respeitando, sobretudo, seu lugar de fala, seus saberes e práticas. Assim, pretende-se uma reflexão “com” e não “para” eles, buscando alimentar uma práxis transformadora da realidade.

Quiçá esta iniciativa tenha vida longa e alimente nossos sonhos de um mundo melhor para todas e todos, no qual a saúde seja um

direito de todas e todos e não uma mercadoria afeita à exploração e acumulação capitalista. Que a elaboração deste relatório anual se transforme não apenas num “produto” fim, uma publicação, mas que seja o resultado de um processo político-pedagógico criativo, que se reinventa a cada ano, num movimento de aprendizagens permanentes e que nutrem nossa práxis ou “quefazer” cotidiano.

Boa luta!

# Introdução

O Relatório do Direito Humano à Saúde no Brasil 2022 objetiva refletir a temática do direito humano à saúde a partir do discurso do ódio que abalizou o país naquele ano. Se é amplamente aceito que esse discurso do ódio, anulador da alteridade, é uma das marcas da história brasileira, também é verdade que a partir do governo Bolsonaro ele ressurgiu e se acentua. Como decorrência direta do bolsonarismo direitos foram violados, as eleições de 2022 se tornaram um campo de Fake News e a democracia brasileira assistiu a uma das suas maiores crises em função de mais um golpe em curso.

Eis uma das grandes tarefas das forças democráticas e dos movimentos e entidades que lutam pelo direito à saúde: manter-se vigilante. Afinal, como nos lembra Bertold Brecht, “a cadela do fascismo está sempre no cio”, e não há saúde sem democracia, assim como não há democracia sem saúde.

Nessa esteira, o Relatório irá problematizar algumas questões: “Como se produz o ódio atual no Brasil e quem são seus agentes? Quais são as motivações e que estratégias mobilizam e alimentam o ódio? A quem interessa a produção e a manutenção do ódio? Que possibilidades se apresentam e que perspectivas existem para o seu enfrentamento? A educação tem alguma contribuição a oferecer?” Essas questões são postas como centralidade pelo professor Eldon Muhl, ao refletir sobre o tema em *A cultura do ódio e o ódio à racionalidade: os desafios das lutas populares no Brasil*.

Para a produção do Relatório do Direito Humano à Saúde 2022, adotaram-se metodologia e formato diferentes das edições anteriores, pois compreendeu-se que o momento exigia uma reflexão acerca do tema e busca de estratégias de resistência e enfrentamen-



to; como diz a epígrafe do texto “A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação” (Adorno, 1995, p. 119). E poderíamos acrescentar: para a luta dos direitos humanos e do direito humano à saúde. Neste sentido, a riqueza do texto está na sua grande capacidade de “radiografar” os tempos atuais a partir das contribuições da Escola de Frankfurt e de ter sido discutido junto aos movimentos e entidades do Fórum DH Saúde.

No entanto, como escreve Eldon, no quarto item do texto, intitulado “Perspectivas e desafios das lutas populares no Brasil”, “[...] não podemos ser ingênuos sobre o poder destrutivo do ódio, suas práticas ampliadas pela indústria cultural e a economia sustentada na violência. O enfrentamento dos mecanismos de manipulação e das patologias produzidas exige esclarecimentos sobre a produção e a reprodução do ódio e, ao mesmo tempo, a manutenção das condições que tornam possível o seu enfrentamento.”

O Relatório quer se constituir em um recurso, dentre muitos outros, que contribua nesse enfrentamento, pois faz-se necessário desvelar o ocultamento da discussão para construir estratégias de resistência e enfrentamento. Com isso, reafirmamos o objetivo do Relatório: contribuir com afirmação da democracia, do controle social, da organização social popular e da luta pelo direito humano à saúde.

Assim como nas edições anteriores, o Relatório Direito Humano à Saúde no Brasil 2022 é uma iniciativa do Fórum DH à Saúde e conta com o apoio da Misereor. Reiteramos o nosso desejo de que este Relatório, feito a várias mãos, fortaleça e nutra nossa esperança de estarmos sempre em movimento, comprometidos com a luta pelos direitos humanos e por um mundo melhor para todas e todos.

# A cultura do ódio e o ódio à racionalidade: os desafios das lutas populares no Brasil

Eldon Henrique Mühl <sup>1</sup>

**“A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação”  
(Adorno, 1995, p. 119).**

## Considerações iniciais

Vivemos um momento em que as manifestações de ódio se apresentam cotidianamente numa intensidade que não percebíamos há algum tempo no Brasil. Embora o ódio seja um fenômeno presente na história humana e, por vezes, tenha aparecido de for-

---

<sup>1</sup> Possui licenciatura em Filosofia pela Universidade de Passo Fundo (1976), mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1985) e doutorado em Educação pela mesma instituição (1999). Realizou estágio pós-doutoral no Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga, Portugal em 2013. Atua como professor da Universidade de Passo Fundo. É associado do Centro de Educação e Assessoramento Popular -CEAP-Passo Fundo, membro da Comissão de Direitos Humanos de Passo Fundo e da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos.)

ma mais intensa, na atualidade ele se apresenta profundamente marcado por um condicionamento político sob a condução de um movimento que se revela envolvido com o seu uso como uma estratégia ideológica e política, com pretensões de manutenção do poder. Nossa reflexão neste texto sustenta-se na análise realizada por Adorno *et al.* (2006), sobre a personalidade autoritária, que, com base na psicanálise, identifica o surgimento do ódio como uma decorrência inconsciente, mas que se constitui de forma autoritária em razão de disposições existentes no contexto social. A formação das potencialidades destrutivas de si mesmo e do outro, embora tenha base em fatores inconscientes, só se desenvolve em decorrência de fatores sociais, constituídos no superego. O ódio precisa ser compreendido, portanto, como um fenômeno capaz de ser induzido racionalmente, ainda que para tal tenha que se desenvolver uma atitude destruidora da própria racionalidade, especialmente quando esta representa uma força crítica e de resistência contra a política do ódio.

Como se produz o ódio atual no Brasil e quem são seus agentes? Quais são as motivações e que estratégias mobilizam e alimentam o ódio? A quem se dirige o ódio que alimentam? A quem interessam a produção e a manutenção do ódio? Que possibilidades se apresentam e que perspectivas existem para o enfrentamento a tal problema? A educação tem alguma contribuição a oferecer?

Para responder tais questões, precisamos esclarecer, inicialmente, do que se trata e como se desenvolve na atualidade. O aspecto central da reflexão neste ponto é acerca da origem psíquica, social e cultural que faz surgir e promove a cultura do ódio. Um segundo aspecto a tratar é o da identificação dos atores que alimentam o ódio e das justificativas que apresentam para alimentá-lo. Trata-se de entender os grupos sociais do Brasil que têm alimentado a defesa e a propagação das ideias do ódio. Um terceiro aspecto implica analisar a quem se destina tal ódio, as principais consequências para os indivíduos e a sociedade. Por fim, cabe

identificar as principais práticas de ódio existentes e refletir sobre os possíveis recursos pedagógicos que podemos desenvolver para o seu combate, intencionando o restabelecimento de uma vida mais solidária e de uma convivência social democrática.

## O ódio cotidiano e suas motivações

Podemos nos perguntar “O que leva uma pessoa a odiar o outro, vê-lo como inimigo, como ameaça? Como se desenvolve o desejo de destruir o outro e a si mesmo? Que fatores produzem o ódio e levam o ser humano a desejar o desaparecimento do outro?”

Cabe esclarecer, inicialmente, que o ódio é um fenômeno humano, presente em toda a história da humanidade. Conforme destaca Gomes,

[...] o discurso de ódio permeia a história da humanidade com notável persistência e universalidade, assumindo configurações diversas de acordo com as questões mais marcantes de cada época ou contexto, porém sempre fundamentado em princípios análogos, pela qual seus alvos são vistos como uma ameaça que precisa ser eliminada. Revela-se, portanto, como uma das manifestações dos impulsos destrutivos que Freud há muito identificou como inerentes à natureza humana, configurando um empecilho para a vida em sociedade. Entretanto, contrariando o discurso religioso e o senso comum, que tendem a pregar o amor ao próximo como uma obrigação moral, postula-se que esses impulsos agressivos, paradoxalmente, também têm um grau de importância para a manutenção da integridade do próprio sujeito, tornando o caminho para o amor ao próximo mais tortuoso do que se possa imaginar (2021, p. 473).

São recorrentes as análises que defendem a concepção de que o ódio tem origem psíquica, pois, como Freud (1974) identificou, ele é um impulso destrutivo, inerente à natureza humana, configurando uma certa limitação para a vida em sociedade. O ódio, porém, é também um impulso, que tem a função de assegurar a integridade do indivíduo e sua defesa diante das ameaças que o mundo e a sociedade podem oferecer. Trata-se, pois, de um mecanismo importante no desenvolvimento da identidade do indivíduo e na formação de sua capacidade de sobrevivência. No entender de Gomes, o ódio

[...] se perpetua como mediador dos pactos formados no tecido social a partir de identificações narcísicas, remetendo ao que há de mais primário no aparelho psíquico, o que explica a persistência do discurso de ódio ao longo da história – que requer tanto um excesso de identificação com semelhantes quanto um excesso de estranhamento das diferenças. Por intermédio desses pactos, os grupos se unem para pregar ou efetivar a exterminação de outros que, em sua fantasia, ameaçam sua existência e integridade (2021, p. 475-476).

O ódio como pulsão psíquica tem grande influência em nossa forma de viver, mas sua interferência é configurada pelo contexto social e cultural de cada época. Sua ação não decorre de um processo espontâneo, por uma determinação natural, inconsciente. Como constata Gomes (2021, p. 473),

[...] a cultura e os diversos formatos de relações que marcam a inserção do ser humano na civilização interferem na experiência intrapsíquica do sujeito, assim como aspectos inerentes ao psiquismo não apenas pautam a realidade subjetiva, mas podem se manifestar como fenômenos sociais.

As pulsões psíquicas de amor e ódio são configuradas social e historicamente, uma vez que os sujeitos são afetados e influenciados por fatores sociais e culturais que possibilitam que o ódio se torne um sentimento efetivo a interferir no comportamento de cada indivíduo e na formação das diferentes culturas. Compreender como se desenvolve tal processo é um desafio para quem atua com movimentos populares, considerando o surgimento constante de situações de violência e de ódio produzidos por indivíduos e grupos que se opõem a tais lutas.

O tema do ódio e de seu desenvolvimento tem sido uma das principais temáticas da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Surgida em 1923, a Teoria Crítica volta seus estudos para o entendimento do processo de regressão que a racionalidade ocidental vinha revelando, à medida que os conhecimentos e as práticas promovidas se tornavam mecanismos de dominação e exploração de grande parte da humanidade, especialmente dos trabalhadores e das camadas mais pobres da sociedade. Ao contrário do que apregoava o projeto nascido na modernidade de que a racionalização de todas as esferas da vida promoveria uma ordem social justa e igualitária, os resultados efetivos mostravam muitas situações inversas: aumento da miséria, intensificação dos conflitos e das guerras, crescimento das práticas políticas conservadoras e totalitárias, aumento de discriminação e do ódio contra diferentes grupos e indivíduos. Utilizando-se de referenciais como Freud, Hegel, Kant e Marx, além de outros, os pesquisadores buscam esclarecer as razões que têm causado o fracasso do projeto da emancipação humana e impedido a realização de uma sociedade justa, igualitária, solidária e democrática. Questões centrais da análise são o avanço do ódio e a regressão da racionalidade, a ponto de esta própria tornar-se um mecanismo de produção e expansão do ódio.

No presente ensaio, vamos nos ater a duas contribuições esclarecedoras da Teoria Crítica sobre o processo de surgimento e o desenvolvimento do ódio na sociedade contemporânea: “Elementos

do antissemitismo” (1947-1985), de Adorno e Horkheimer<sup>2</sup>; e “A personalidade autoritária”, de Adorno *et al.* (1950-2019). Cabe ressaltar que, embora sejam textos que analisam a situação específica do ódio aos judeus e o fenômeno do nazismo, as contribuições podem servir para o esclarecimento de muitos aspectos do ódio e do surgimento de concepções fascistas ou nazistas no Brasil.

No texto “Elementos do antissemitismo”, os autores apontam que existem duas modalidades de racismo que determinam o ódio, especialmente aos judeus, e o desejo de sua extinção: o fascismo em si e o antissemitismo liberal, burguês. O primeiro tipo de antissemitismo decorre do desejo de extinção dos judeus por considerá-los uma antirraça, o princípio negativo que precisa ser eliminado da face da terra. “Eles são estigmatizados pelo mal absoluto, como o mal absoluto” (Adorno *et al.*, 1947-1985, p. 157). E seguem os autores: “A ânsia dos racistas é a posse exclusiva, a apropriação, o poder sem limites, a qualquer preço” (p. 159-160). Os judeus atraem sobre si a vontade de destruição que uma ordem social gerou sobre si mesma.

O segundo tipo de antissemitismo, o liberal, ocorre em sociedades nas quais a integração social se dá preponderantemente pela troca de mercadorias e pela participação na divisão do trabalho. A fonte do racismo é o interesse da classe dominante de se apropriar do poder cultural e econômico que não pode permanecer nas mãos de judeus, uma vez que estes não apresentam capacidade de se adaptarem adequadamente à nova ordem existente. “A vida e o aspecto dos judeus comprometem a universalidade existente em razão de sua adaptação deficiente. O apego inflexível a às suas próprias formas de ordenamento da vida, levou-os a uma relação insegura com a ordem dominante” (Adorno; Horkheimer, 1947-1985, p. 158). Para poder acessar certo grau de integração, tiveram que se

---

2 Trata de um dos capítulos da obra *Dialética do Esclarecimento* (1947-1985), a qual analisa as razões que dão origem e alimentam o antissemitismo.

submeter à violência da coletividade bárbara, negar a si mesmos, à sua origem e tradição.

O antissemitismo só se tornou uma ideologia dominante quando consegui produzir uma compreensão odienta nas classes populares. Para tanto, precisou produzir uma compensação libidinal: a satisfação do ódio aos judeus como compensação do seu próprio fracasso. Conforme esclarecem Soares e De Caux (2019, p. 7)

No plano das motivações subjetivas, o antissemitismo tem como componente o ressentimento econômico, mas, apesar das expropriações, sua prática não tinha por consequência uma redistribuição material real. O ganho do antissemita não é um ganho econômico com a expropriação da propriedade dos judeus, mas um ganho psíquico. “A arianização da propriedade judaica (que, aliás, na maioria dos casos beneficiou as classes superiores) não trouxe para as massas do Terceiro Reich vantagens muito maiores que, para os cossacos, o miserável espólio que estes arrastavam dos guetos saqueados. [...] O verdadeiro ganho com que conta o ‘camarada de etnia’ é a ratificação coletiva de sua fúria” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 159).

O antissemitismo, como ideologia burguesa liberal, lança suas raízes na produção da aparência socialmente necessária para que a espoliação ocorra na esfera da economia e do mercado. No capitalismo neoliberal, o livre-comércio se torna obsoleto e aqueles que supostamente o poriam em marcha, os judeus, perdem sua funcionalidade sistêmica e, por isso, podem ser “descartados”. Como se pode constatar, “o antissemitismo burguês tem um fundamento especificamente econômico: o disfarce da dominação na produção” (Adorno; Horkheimer, 1947-1985, p. 162). Nesse processo de produção do disfarce, os judeus tornaram-se os culpados preferenciais das injustiças e da crise econômica. Eles são responsabilizados pelos explorados como os causadores de sua espoliação



e pela vida fracassada que levam. Hoje, esse papel é assumido pelos trabalhadores, considerados incompetentes, desqualificados e portadores de direitos prejudiciais ao desenvolvimento econômico. O ódio aos iguais expressa a insatisfação decorrente de uma frustrada vida econômica e sexual. Desesperados, buscam alento na recuperação e defesa de verdades e de instituições perdidas no passado: religião, pátria, família, ordem. Todos os que se opõem a seus projetos precisam ser aniquilados, mortos. Mutilados e sem sonhos, alimentam-se de ódio.

Na obra *A personalidade autoritária* (2006), Adorno *et al.* procuram esclarecer o que faz com que alguns indivíduos – homens comuns – respondam de forma mais ou menos preconceituosa diante de determinadas condições sociais. A preocupação principal da investigação era esclarecer a questão “o que torna um indivíduo potencialmente fascista?” Os autores têm como hipótese que uma “mera opinião”, como apoio a ideologias autoritárias, pode passar de um estado latente, velado e não consciente para a defesa aberta e a deflagração de ações violentas contra minorias e contra a democracia. A implantação de um regime autoritário e antidemocrático depende dessa predisposição de indivíduos ao fascismo.

A pesquisa realizada por Adorno e seus pares nos Estados Unidos na década de 1940 se concentrou em estudos de opiniões provenientes de níveis diferentes de consciência dos indivíduos, mesmo que tais opiniões ideológicas apresentassem contradições entre si. A hipótese do grupo era a de que “que as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo frequentemente formam um padrão amplo e coerente, como se estivessem unidas por uma ‘mentalidade’ ou ‘espírito’ e que esse padrão é uma expressão de tendências profundas em sua personalidade” (apud Costa, 2020, p. 2).

Na apresentação da obra, Horkheimer esclarece o tema central da investigação e descreve o processo que conduz o indivíduo a assumir uma postura autoritária:

O tema central da obra é um conceito relativamente novo - o surgimento de uma espécie “antropológica” que chamamos de tipo autoritário de homem. Em contraste com o fanático de estilo mais antigo, ele parece combinar as ideias e habilidades típicas de uma sociedade altamente industrializada junto com crenças irracionais ou antirracionais. Ele é ao mesmo tempo esclarecido e supersticioso, é orgulhoso de ser individualista e tem um medo constante de não ser como todos os outros, é zeloso de sua independência e inclinado a se submeter cegamente ao poder e à autoridade (2006, p. 165, tradução nossa).

Cabe destacar que o conceito de “personalidade” nesta investigação foi pensado em proximidade à noção de “ideologia”, justamente porque a personalidade seria organizada de modo a procurar por gratificações na economia emocional e pulsional, envolvidas na identificação com ideologias autoritárias circulantes na cultura. O que cabe destacar é que tal processo de identificação se realiza em um contexto no qual existe uma forte predisposição para tal. Afirma Adorno: “Estamos convencidos de que a principal fonte de preconceito deve ser buscada em fatores sociais que são incomparavelmente mais fortes do que a ‘psique’ de qualquer indivíduo envolvido” (apud Costa, 2020, p. 2).

Ao concluir sobre as características das pessoas que apresentam tendência a desenvolver uma personalidade autoritária, Adorno *et al.* (1950- 2019) identificam os seguintes aspectos: 1) convencionalismo, que implica a incapacidade de desenvolver a crítica, mantendo uma fixação em saberes aceitos de forma irrefletida; preocupação em estar ajustado aos valores considerados “normais”; 2) a dependência de uma liderança ideologicamente forte e idolátrica que se opõe a uma visão democrática e popular de poder; idealização de suas qualidades ou virtudes; 3) uma prática baseada no chauvinismo e na subserviência à autoridade (nacionalismo- autoritarismo); exibição constante da força e busca de proximidade com o poder

ou de atributos que mostrem isso ; 4) uma visão histórica heroica da formação das elites dominantes; 5) anti-intelectualismo; rejeição do autoconhecimento e pouco interesse em qualquer coisa que não seja “prática” ou “útil” imediatamente; 6) a desistoricização e descontextualização dos fatos, desconhecimento dos nexos, dos processos históricos de sua formação e da formação geral da sociedade e dos grupos; 7) a retórica da defesa da pátria, da família e da religião; 8) destrutividade, agressão e cinismo; agressão às pessoas de fora do seu grupo que não compartilham suas ideias e rapidez em condenar outras pessoas; agressividade racionalizada que se torna “aceitável” aos olhos da pessoa por se inserir em uma visão de mundo; 9) sexualidade exacerbada; forte interesse na vida sexual dos outros, sobretudo em relação às condutas consideradas “corretas”. Em resumo, alimenta-se de uma visão de mundo etnocultural restritiva e excludente.

## O ódio e o discurso do ódio na sociedade atual

O ódio com um fenômeno social decorre de contextos e de indivíduos que o mantêm. Sem a manutenção individual e grupal, o ódio não se desenvolve e não se reproduz. Ainda que possamos ter desejos destrutivos como indivíduos, eles somente se tornam efetivos quando os compartilhamos em grupos e os desenvolvemos em práticas objetivas. Ou seja, o ódio somente se manifesta de forma efetiva quando surge o discurso do ódio, isto é, o “discurso oral ou escrito que seja abusivo ou ameaçador e expresse preconceito contra um grupo específico, principalmente com relação à raça, religião ou orientação sexual” (Dicionário Oxford, apud Gomes, 2021, p. 474).

O ódio não é uma manifestação instintiva e espontânea, mas um ato que envolve alguma intencionalidade e determinação coletiva. Ele se configura nas interações que o instruem e alimentam, o que significa que ele precisa sempre da agregação entre os indivíduos para se tornar uma força capaz de promover ações de violência e agressão. Nos termos de Gomes:

Os ideais que sustentam o discurso de ódio estão engendrados no tecido social, determinando o modo de agir de certos grupos da sociedade, organizados ou não. Assim, o afeto “ódio” se materializa por meio da linguagem, inserindo-se na forma de um conjunto de valores, no registro simbólico que dita tanto as relações entre os sujeitos quanto aquilo que cada um se percebe capaz de tolerar (2021, p. 474).

Discurso de ódio é a comunicação pública que procura degradar simbolicamente grupos e pessoas historicamente oprimidos ou sistematicamente discriminados. Como já dissemos, trata-se de uma forma consciente e intencional de gerar simbolicamente iniquidade entre pessoas por conta de uma categoria coletiva: origem, cor da pele, gênero, religião, orientação sexual, entre outras.

As intenções desses discursos podem variar, expressando sentimentos, xingamentos, defendendo ideologias, justificando desigualdades, relativizando a violência e a discriminação, expressando crenças religiosas, buscando visibilidade, mobilizando seguidores, coordenando atos de violência, sustentando governos retrógrados, além de através de outras expressões. Assim como no antissemitismo, o ódio hoje existente é o ódio do indivíduo frustrado sobre si mesmo e seus iguais, igualmente fracassados.

No entanto, é preciso atentar que o ódio não é essencialmente alimentado pela emoção ou pelo afeto, mas por uma ação afetiva que tem levado ao desenvolvimento de um dos elementos centrais desse conceito: o de que se trata de uma forma de discriminação

concreta, objetiva, ou seja, de uma forma de exclusão construída sobre relações de poder baseadas em características coletivas, racionalmente justificado. O ódio já não mais se apresenta como um sentimento de negação, mas como uma atitude de negação justificado por explicações históricas ou por argumentações consideradas resultantes de uma racionalidade cientificamente desenvolvida. Os resultados desse processo são o embrutecimento humano e a submissão do indivíduo à condição de sentir-se incapaz de agir e reagir ao processo de dominação existente. Nessa situação, corpo e mente são paralisados pelo medo e ficam enrijecidos como cicatrizes, tal qual esclarecem Adorno e Horkheimer:

[...] no lugar onde o desejo foi atingido, fica uma cicatriz imperceptível, um pequeno enrijecimento, onde a superfície ficou insensível. Essas cicatrizes constituem deformações. Elas podem criar caracteres, duros e capazes, podem tornar as pessoas burras – no sentido de uma manifestação de deficiência, da cegueira e da impotência, quando ficam apenas estagnadas, no sentido da maldade, da teimosia e do fanatismo, quando desenvolvem um câncer em seu interior. A violência sofrida transforma a boa vontade em má. E não apenas a pergunta proibida, mas também a condenação da imitação, do choro, da brincadeira arriscada, pode provocar essas cicatrizes. Como as espécies da série animal, assim também as etapas intelectuais no interior do gênero humano e até mesmo os pontos cegos no interior de um indivíduo designam as etapas em que a esperança se imobilizou e que são o testemunho petrificado do fato de que todo ser vivo se encontra sob uma força que domina (1947-1985, p. 240).

O conteúdo do discurso do ódio se baseia na depreciação de grupos que vivem experiências crônicas de violência, longos processos de subordinação, um histórico de condições de vida precárias e fracassadas. Além de alimentar mentiras e inverdades sobre

grupos e indivíduos, o produtor do discurso do ódio alimenta o sentimento de inferioridade, desqualifica os conhecimentos populares, deprecia a moral e os costumes das populações pobres, ridiculariza a visão de mundo que apresentam.

Sua prática de comunicação é de incitação ao ódio, do desprezo pelos diferentes, da discriminação dos não iguais, a negação pública de genocídios e dos crimes contra a humanidade; sua prática é a promoção de xingamento, de escárnios e de insultos contra adversários e opositores. Produzem e sustentam em nome de seus interesses notícias falsas e o negacionismo. O cancelamento se torna a prática comum quando se sente ameaçado em sua certeza.

O discurso do ódio é um grande desafio da atualidade. A própria ONU, em 2019, apresentou um documento intitulado “Estratégia e Plano de Ação sobre o Discurso de Ódio” e estabeleceu, em 2021, por meio de Resolução A/RES/75/309, o dia 18 de junho como o “Dia Internacional de Combate ao Discurso de Ódio”. Em 2023, o secretário-geral da ONU, António Guterres, por ocasião dessa data, manifestou-se afirmando que

O discurso de ódio é usado para alimentar o medo e a polarização, frequentemente para ganhos políticos e com um custo imenso para as comunidades e as sociedades. Incita a violência, exacerba as tensões e impede os esforços para promover a mediação e o diálogo. É um dos sinais de alerta de genocídio e de outros crimes atrozes. O discurso de ódio é frequentemente dirigido a grupos vulneráveis, reforçando a discriminação, o estigma e a marginalização. Minorias, mulheres, refugiados, migrantes e pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero são alvos frequentes. As plataformas de mídia social podem amplificar e espalhar o discurso de ódio à velocidade da luz. [...]. Os nossos escritórios e equipes em todo o mundo enfrentam o discurso de ódio implementando planos de ação locais com base nessa estratégia. Iniciativas de educação, campanhas

de discurso positivo, pesquisas para entender e abordar as causas profundas e esforços para promover a inclusão e a igualdade de direitos têm um papel importante. Os líderes religiosos, comunitários e empresariais também devem desempenhar o seu papel (ONU, 2023).

## **O ódio na política e a política do ódio no Brasil: as características da prática odienta**

O discurso do ódio apresenta algumas características que o tornam socialmente potente no Brasil. A especificidade da cultura do ódio brasileiro não pode ser separada do histórico da formação racista, machista e patriarcal aqui desenvolvida. No Brasil, o antissemitismo é traduzido no ódio aos negros, aos indígenas, às mulheres, aos gays, aos trans. Misoginia, homofobia, racismo são as práticas mais intensas que manifestam a identidade de ódio, a qual se traduz em nossos altos índices de violência e de morte a indivíduos desses grupos.

O ódio toma parte da produção de uma racionalidade instrumental destinada a perpetuar e ampliar o poder que se destina a manter privilégio e justificar a discriminação e a exploração. Ele é uma estratégia libidinal que produz prazer a quem consegue se integrar a um movimento de vingança dos que despreza ou são identificados como causadores da redução da sua libido. O ódio individual ganha força à medida que é compartilhado entre os participantes do grupo. No grupo, o indivíduo ganha reconhecimento e restabelece seu poder de ação. Ademais, ao se tornar coletivo, o ódio cria uma força protetiva ao indivíduo, pois a sensação que

surge neste é a de que o grupo o protege e reduz o risco decorrente de sua exposição social e política.

Não podemos deixar de reconhecer que o bolsonarismo conseguiu articular os indivíduos para o desenvolvimento desse tipo de racionalidade do ódio. Tal racionalidade se traduz no ódio às instituições e aos indivíduos que possam ameaçar os seus interesses. O que não podemos deixar de destacar é que o movimento conseguiu um grande apoio de classes sociais mais ricas e das classes médias instruídas. Outro fato é que grande parte da população negra e de mulheres de classe média se integra a tal movimento, assim como os crentes de diversas igrejas, especialmente as pentecostais. Portanto, é preciso atentar para o fato de que existe algum grau de racionalidade no movimento bolsonarista, que, pela sua estruturação, se coloca em confronto com outras percepções consideradas racionais e científicas. Não podemos deixar de levar em consideração que o bolsonarismo representa um grande acordo entre campo e cidade, família e religião, entre formação autoritária e educação, entre forças produtivas e lucros. É uma ordem econômica sustentada em uma economia libidinal que se alimenta do ódio como um mecanismo altamente produtivo e lucrativo: a indústria da violência, cuja manifestação mais cabal se traduz na sustentação da guerra e na produção de armamentos destinados a armar “o povo do bem”.

O ódio é funcional e indispensável aos fascistas. Ele representa um recurso que promove e intensifica a produção de algum grau de satisfação, trazendo benefícios, ainda que limitados, a quem dele participa. Ele realiza o desejo de vingança e a compensação de uma vida frustrada e vazia de amor. É difícil compreendermos o funcionamento da personalidade humana, como demonstram inúmeros estudos das ciências humanas, especialmente da psicanálise. O lamentável é existirem intelectuais que sustentam e alimentam discursos que acobertam e negam as práticas ideológicas e políticas de personalidades fascistas.



O que precisa ser ressaltado é que uma compreensão de tal personalidade só poderá ocorrer quando cada indivíduo perceber que seu ódio é decorrente da constante insatisfação com a própria vida que leva, frustrada e odienta. A compreensão do processo social também passa por uma compreensão crítica sobre sua própria personalidade.

## **Perspectivas e desafios das lutas populares no Brasil**

O ódio, suas práticas e seus resultados devem ser explicitados e tornados públicos ou precisam ser dissimulados e ocultados? O que deve ser explicitado e o que cabe ser preservado em segredo, considerando os efeitos de uma normalização de seus atos e de seus efeitos? Cabe tratar explicitamente todos os resultados nefastos do ódio, suas práticas e a exposição de suas vítimas? Como confrontar o ódio, considerando a insensatez e a incapacidade para o estabelecimento de uma compreensão minimamente racional e de uma disposição elementar para o diálogo de seus portadores?

Para quem atua em movimentos sociais e populares, enfrentar a cultura do ódio é um dos maiores desafios da atualidade. A questão é ser capaz de utilizar os recursos e as potencialidades da atual sociedade globalizada e da disponibilidade de recursos comunicativos em alta escala para a mobilização dos saberes e das práticas de resistência. No entanto, não podemos ser ingênuos sobre o poder destrutivo do ódio, suas práticas ampliadas pela indústria cultural e a economia sustentada na violência. O enfrentamento dos mecanismos de manipulação e das patologias produzidas exige esclarecimentos sobre a produção e a reprodução do ódio e, ao mesmo tempo, a manutenção das condições que tornam possível o seu enfrentamento. Os indicativos são a luta pela democracia,

pela liberdade crítica, pela ciência com responsabilidade social e a exigência ética, pelo combate a toda forma de autoritarismo e de discriminação, por uma comunicação sustentada na responsabilidade com a verdade. É preciso enfrentar o ocultamento e a amenização dos conflitos, das violências, das explicações falsas ou de explicações pseudocientíficas sobre a realidade. É preciso enfrentar a falta de reflexão, de investigação crítica ou o pensamento com pretensão de verdade que mantém a dominação e promove a ampliação do ódio.

## Referências

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Unesp, 1950-2019. (Tradução brasileira de parte da obra “A personalidade autoritária”).

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. *In*: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ADORNO, Theodor *et al.* Introdução. La Personalidad Autoritaria: Prefácio, Introducción y Conclusiones. **Emperia-Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, n. 12, p. 155-200, jul./dic. 2006. Disponível em: <https://revistas.uned.es/index.php/emperia/article/view/1144>. Acesso em: 15 junho 2023.

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos Filosóficos. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

COSTA, Virgínia H. da. “A personalidade autoritária” de Theodor W. Adorno: conceituação do “tipo antropológico autoritário” e atualizações no neoliberalismo. *In*: **ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, 44., 2020, GT44. Disponível em: <https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/atividade/view?q>. Acesso em: 15 junho 2023.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GOMES, Mariana de T. N. O discurso de ódio na clínica psicanalítica, **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social**, v. 9, n. 2, p. 471-480, abr./jun. 2021.

HORKHEIMER, Max. Prefacio. *In*: ADORNO, Theodor *et al.* La Personalidad Autoritaria: Prefácio, Introducción y Conclusiones. **Emperia-Revista de Metodología de Ciencias Sociales**, n. 12, p. 155-200, jul. /dic. 2006.

LACERDA, Marcos. O Brasil-abismo e suas dobras reais e utópicas. **Revista Rosa**, São Paulo/SP, n. 2, v. 5, maio 2022.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Estratégia e Plano de Ação sobre o Discurso de Ódio**. Nova Iorque, 2019.

SOARES, Eduardo Neves Silva; DE CAUX, Luiz Philipe. Uma pré-história filosófica do antissemitismo: Adorno e Horkheimer sobre a genea-logia do ódio antissemita. **Problemata**, v. 10, n. 4, p. 255–272, dez. 2019. DOI: <https://doi.org/10.7443/problemata.v10i4.49665>.

SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

# Às e aos que não desistem!

Poesia de Jussara Cony

Às e aos que não desistem  
Do amor, da luta, da labuta!  
Às e aos que não desistem  
Da ternura  
E daquela solidariedade  
Incessante e itinerante!  
Às e aos que não desistem  
Da beleza contida  
Na verdade,  
Na unidade,  
Na liberdade!  
Às e aos que não desistem  
Da construção dessa Nação  
Na pampa,  
Nas florestas,  
No sertão!  
Às e aos que não desistem  
Da noite,  
Da madrugada,  
De um amanhecer.  
Aquele novo dia  
Para retomar direitos, afetos  
E a sonhada democracia!  
Antes que tarde!  
Pois soa o alarde  
E o toque de avançar!

Às e aos que não desistem  
De lutar,  
Unir, resistir,  
Libertar!  
No andar certo:  
Nenhum passo atrás,  
Nenhuma estagnação,  
Um só coração!

Organizar,  
Unir,  
Ampliar,  
Resistir,  
Avançar!  
Reencantar!  
Esperançar!  
Revolucionar!